



Quem queimou? 200 Anos de resistência

Maria Cecília França Lourenço

Professora Titular Sênior e Líder do Grupo Museu Patrimônio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/ USP, São Paulo, Brasil. mcfloure@usp.br

INTRODUÇÃO

“(...) [incêndio] revela uma face contundente sobre o descaso a que estão condenadas as instituições, mesmo quando há uma resistência heroica dos que nelas trabalham.”

Maria Cecília França Lourenço (1999, p.133)¹

A Comunidade museal está em luto ante nova catástrofe a desvelar o lugar discutível assumido pelas instituições científico-culturais, em geral, quando abertas, direcionadas a distintos público em faixa etária e privilégios, em especial os sem espetáculos ou arquitetura reluzente do último criador globalizado. Labaredas dizimaram o museu mais antigo, entre nós – o bicentenário Museu Nacional, situado no Rio de Janeiro, transmutado para esse Palácio ao final do Século XIX.

Resistiu à viagem ao ser trazido parte do alentado acervo pela Imperatriz Leopoldina, talvez imaginando o papel civilizatório que peças salvaguardadas teriam, para aprimorar a vida de populações em geral. Subsistiu à mudança de regime político, após a Proclamação da República e ao leilão, do remanescente, que os mandatários lusos não conseguiram levar, ao serem banidos. Sobreviveu aos esforços para vozes oportunistas, a clamar pela volta anacrônica da monarquia, ditadores, ou acolhimento de resquícios colecionados por postulantes políticos sem representatividade de maiorias.

Escapou a muitas ditaduras, mais identificadas com selas, arreios, coroas, casernas e ordens monocráticas e, por certo, não com apoio de muitos². Também venceu ação depreciativa de reitores e autoridades de plantão, incapazes de entender a importância ética, moral, educacional, simbólica,

¹ A tese foi defendida na Faculdade Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

² Como se observa nos sites, o Conselho Internacional de Museus/ICOM ao se solidarizar e chamar a atenção para necessidade de melhoria de condições técnicas e em infraestrutura, manifestou colaboração de seus membros. O Instituto Brasileiro de Museus/ Ibram propôs formação imediata de força tarefa para se articular recuperação tanto de instalações quanto do acervo.

alegórica, formacional, cultural, científica, histórica, cognitiva, identitária, relacional, entre tantas. Nesse particular, cargos administrativos deploravelmente não garantem compreensão interdisciplinar a docentes, exponenciais em sua área de origem, mas limitados para avaliar e se tornar fruidor habitual de museu, quando se trata de testemunhos materiais de museu, arquivo, biblioteca. Autoridades do executivo apenas visitam em festas, quando isso acontece. Como se divulgou, o último presidente a ao menos visitar o Museu Nacional foi Juscelino Kubitschek, no exercício do cargo entre 1956-61.

Além destes outros profissionais em distintas áreas padecem dessa abstinência e inépcia para captar como cada exposição permanente e/ou temporária advém de esforços coligados e amplos estudos. Estes e os outros ao viajar visitam museus e se ligam ao ver tragédia como essa. Livros, papéis e peças museicas requerem hipóteses, estudo e pesquisa, capazes de produzir conhecimento e articular conceitos, a partir de emudecidas peças, formas e seres de coleções, como no Museu Nacional. Aqui um enorme diferencial do Museu Nacional, pois, dedicado ao ensino, pesquisa e extensão, com produção impa, esta não se apagará.

Um paralelo se faz necessário: em 7 de julho de 1978, às 23 horas se deu outro marco nefasto para a cultura brasileira: o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro foi emulado em chamas, como registrei na tese de Livre Docência “Museus Acolhem Moderno”, publicada em 1999. Ali também seguiu-se a busca de culpado, então recaindo comodamente no sistema elétrico e anunciadas iniciativas ditas enérgicas. Seguiu-se saldo das preciosidades únicas perdidas, juntamente com lamúrias sobre falta de apoio para renovar pessoal, equipamentos e finanças, sempre recitados.

Quando se instalou na sede do Ministério da Educação e Cultura / RJ, realizou-se uma exposição (1952), sem a presença do então presidente do país, Getúlio Vargas, contendo trinta pinturas, quatro esculturas da coleção, peças emprestadas e laureadas, antes exibidas na I Bienal e de um artista

recém falecido (Lourenço, 1999, p.136). Editou-se catálogo e o registro das obras do MAM/RJ se tornou significativo, pois, não havia nem ao menos rol de obras com identificação patrimonial, ou seja, proveniência, medidas, técnica e mostras anteriores, dano ainda frequente em diversas instituições.

Passados 40 anos, a 2 de setembro de 2018 às 19:30 hora, novo acervo, raro, único e insubstituível se viu na mesma condição e, uma vez mais, sem vítimas, felizmente. Diferentemente de outros, produziu inúmeras publicações, boletins, trabalhos científicos em variadas áreas, dissertações, teses, anais de congresso e geração de estudiosos, sejam técnicos ou em outros âmbitos. Inúmeras coisas essenciais, únicas e valiosas se perderam irremediavelmente. No entanto, permanece sim o métodos e práticas de pesquisa, conhecimento documental, arquivístico, bibliográfico e museal, mas particularmente a luta por um país mais democrático e interessado em disseminar conhecimento em variadas áreas. O Museu Nacional resistirá!

REFERÊNCIA

LOURENÇO, Maria Cecília França. Museus acolhem Moderno. São Paulo: Edusp, 1999.

Site do Ibram museudodiamante.museus.gov.br/.../nota-do-ibram-sobre-o-incendio-do-museu-nacio/

Site do ICOM/BR www.icom.org.br/